



RELATÓRIO DE ATIVIDADES

Interessado: UGADS - Unidade de Gestão de Assistência e Desenvolvimento Social

Coordenadora: Elisandra Daniele de Lima (Psicóloga)

Período: outubro/2021

PLANO DE TRABALHO EMERGENCIAL – COVID-19

NOVO HORIZONTE E SANTA GERTRUDES

(Atividades realizadas durante o período de Isolamento Social - COVID-19)

Ao longo de onze meses, foram realizadas diversas atividades remotas e presencial, com uma cuidadosa pesquisa sobre os marcos normativos e as boas práticas relacionadas a prevenção e enfrentamento para a erradicação do trabalho infantil, conforme abordagem do Projeto Conexões. Seguindo o protocolo das normas de vigilância social para a proteção da covid-19, com grupos reduzidos, uso de máscara, distanciamento e uso do álcool em gel.

Nesse período de rico aprendizado para a equipe, crianças, adolescentes e famílias, através das atividades realizadas de acordo com os temas abordados, da produção de material (folder, fotos, vídeos), as questões levantadas nos principais espaços de discussão ligados ao tema.

A abordagem adotada revela a necessidade de atuação e do conhecimento da realidade, da rede diante da complexidade do trabalho precoce e do trabalho adolescente desprotegido, violações de direitos humanos, que tem raízes profundas como pobreza estrutural e aceitação cultural.

O cenário mostra que estamos longe da erradicação do trabalho infantil no país, situações que implicam numa série de consequências para crianças e adolescentes, como evasão escolar, abusos e acidentes. Para agravar o quadro, ainda predomina a incompreensão e naturalização sobre o trabalho infantil.

A recomendação 190 da convenção 182 da OIT, ratificada pelo Brasil, está contemplada pela segunda versão do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (2012) ao determinar como piores formas as seguintes modalidades de exploração de mão de obra infantil, como trabalho ilícito:



prostituição, jogo ilegal, entorpecentes, tráfico de drogas; e trabalhos proibidos: subterrâneos, confinados, insalubres, jornada exaustiva e noturnos.

O tráfico de drogas é uma das piores formas de trabalho infantil ilícito, e ele ainda é visto pelo Estado sob a ótica da criminalização, e não da garantia de direitos e da aplicação de medidas protetivas de prevenção. Trabalho nas ruas e o trabalho doméstico infantil são duas das piores formas com as quais nos deparamos com frequência no meio urbano, além do trabalho infantil no comércio informal, no narcotráfico e na produção familiar de bens e serviços, tendo a própria casa como oficina. Enfrentar essas formas de trabalho é difícil porque envolve ambientes privados e, por vezes, atividades ilícitas. Já o trabalho infantil doméstico é um dos tipos mais invisíveis e naturalizado. Ele acontece em espaço privado e inviolável, não apenas nas residências, mas de terceiros.

O trabalho infantil como vimos, aprofunda o estado de vulnerabilidade social de crianças e adolescentes, expondo-os também a diversas situações de risco e a violações graves de direitos humanos, com impactos muitas vezes irreversíveis sobre seu desenvolvimento físico, intelectual, social, psicológico e moral. Por esse motivo, a erradicação dessas formas de violação deve ser prioritária.

Reunião de Equipe Técnica

A equipe realizou discussões para desenvolver estratégias e atividades adaptadas ao plano de trabalho emergencial, visando cumprir as normas de proteção contra covid-19. De acordo com as normas da vigilância social para prevenção do covid-19, retomamos as atividades presenciais, seguindo todos os protocolos: grupos reduzidos, distanciamento social, uso de máscaras, álcool em gel, higienização do espaço; tanto no território do Jardim Novo Horizonte quanto no Jardim Santa Gertrudes.



ASSOCIAÇÃO ACOLHIMENTO
BOM PASTOR

ATIVIDADES

Primeira semana de outubro - Atividade: Um Vídeo sobre as Drogas !
(Animação – disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k8TWJTIEG_s)

Abordar o tema do tráfico de drogas com crianças e adolescentes exige um certo cuidado, principalmente, em locais de vulnerabilidade, pois muitas crianças e adolescentes convivem com essa realidade no dia-a-dia.

Por isso, escolhemos um vídeo ilustrativo, sobre um personagem branco que encontra uma substância amarela no meio do seu caminho e, despertado pela sua curiosidade, suga ela, tendo como efeito uma alucinação, na qual ele muda de cor para amarelo e voa. Quando o efeito da substância passa, ele cai no chão, voltando a ser branco, até encontrar a próxima substância. No seu caminho, ele encontra por diversas vezes essa substância e, cada vez que ele retorna para realidade, vai adquirindo um tom acinzentado e se deformando, e o efeito da alucinação dura menos, até que o vídeo se encerra com ele preto, e frente a última substância, o que deixa uma incógnita sobre o que aconteceria se ele sugasse mais vez: será que ele morreria?

Após assistir o vídeo, perguntamos para as crianças e adolescentes o que eles haviam entendido. As crianças tiveram maior dificuldade de identificar de pronto do que se tratava, elas falavam que o passarinho queria voar e ser amarelo. Mas, para os adolescentes parecia estar bem claro: “ele tá brisado, tia” (sic) – disse o Felipe Santana, 12 anos. Contudo, ao questionar as crianças o que elas sabiam sobre drogas, elas associavam imediatamente o vídeo ao tema. Houve uma diferença também de território para território. No Jardim Novo Horizonte, as crianças a partir dos 07 anos falavam com facilidade e abertamente sobre o assunto. No Jardim Santa Gertrudes, a conversa precisou ser mais lúdica com as crianças, mas as crianças que vivem na “área verde” (região mais vulnerável do bairro) também tinham mais proximidade com o tema por relatarem observar isso todos os dias próximo às suas casas, eles relataram encontrar muito pino de cocaína.

O Niraj, 12 anos, relatou que tem um tio que faz uso de crack, e que vende tudo dentro de casa para conseguir consumir a droga. A Kimberlly, 13 anos, disse que tem um vizinho que sempre fica alcoolizado, não consegue chegar até sua casa e acaba dormindo na viela. Brenda, 13 anos, relatou que seu pai e irmãos fazem uso



frequente de maconha. O Davi, 12 anos, contou que um colega de 10 anos já trabalha no tráfico, e fica numa pracinha do bairro vendendo drogas.

No fim, não precisamos falar quase nada sobre o assunto, pois à medida que eles compartilhavam o que sabiam, notamos que eles possuíam mais informações do que esperávamos. Nós respondemos algumas dúvidas ou fizemos alguma observação. A parte que mais articulamos foi sobre o que leva uma criança ou adolescente para o tráfico de drogas, porque precisamos desconstruir a ideia que apenas crianças negras e pobres se envolvem nessa atividade, e que existem mais de um fator para que eles façam essa escolha.

Segunda semana de outubro - Atividade: História do Bernardo

Para segunda semana, nós elaboramos a seguinte história:

“Era uma vez, um menino chamado Bernardo, ou o Be (como os amigos o chamavam), que tinha um sonho: ser policial igual seu pai. Quando era criança, vivia brincando de polícia e ladrão, e dizia que quando crescesse ia prender um monte de bandidos. Era estudioso, brincalhão e amava seus pais e irmão.

Quando o Be fez dez anos, sua vida virou de cabeça pra baixo. Seu pai ficou doente e faleceu. Sua mãe, que sempre foi dona de casa, não tinha emprego e nem renda. Ela conheceu um moço na igreja, Antônio, que parecia ser bom, queria ter uma família... Pensando que ela precisava de alguém que ajudasse no sustento da família e seus filhos de um pai, resolveu se casar.

Assim que se casaram, foram morar na casa do Antônio. O bairro onde o Antônio morava, todo mundo dizia que perigoso, mas ele assegurou que dentro de casa todo mundo estaria seguro. O Antônio trabalhava numa empresa, e ficava o dia todo fora, só chegava à noite. Por isso, as crianças precisavam fazer silêncio para ele descansar. Mas, estava tudo bem, porque elas aproveitavam bastante durante o dia, e a noite já era hora de dormir.

Com 03 meses de casados, a mãe do Be descobriu que estava grávida. Quando completaram 07 meses de casados, Antônio foi mandado embora. E, a vida mudou mais ainda para o Be.

No início, o Antônio não deixava fazer bagunça, jogar bola e nem correr pela casa. Não gostava de gritos. As crianças começaram a brincar só na rua. Depois de um tempo desempregado, ele começou a beber. Bebia tanto que passava o dia todo



no bar. Quando não dormia pela rua, chegava em casa e batia na mãe do Be. Uma vez ela chegou a ir para o hospital com risco de perder o bebê. Os bebê nasceu, agora eles eram em 05 na casa. A comida começou a faltar dentro de casa, porque ninguém trabalhava. Eles recebiam ajuda da igreja e do CRAS.

Já com 12 anos, O Be queria um celular. Todo mundo na escola jogava freefire, só ele que não. Um dia pediu um para a mãe, e tomou um croque na cabeça: "tem dinheiro nem dá para comer menino" - ela respondeu.

O Be começou a ver uns colegas na escola que estavam sempre com dinheiro, mas ele sabia que a família não era rica. Ficou curioso, e perguntou para os meninos se eles trabalhavam para ganhar. Seus colegas riram, e disseram que tinham um emprego de responsa e secreto. Ele contou que também precisava de um para ajudar a mãe e os irmãos, porque eles não tinham nem o que comer. E, os meninos perguntaram se ele era bom em vender.

Explicaram todo o esquema para ele: era tráfico. Alguns dias da semana ele tinha que pegar uma quantidade de droga com um cara que ia na porta da escola, levar para dentro e vender. Cada venda, uma porcentagem era dele. Que só dependia dele o quanto ele ia ganhar. Mas, que ele podia fazer uma graninha, e inclusive ganhar um celular”.

A história de Bernardo não tem um final, porque o objetivo era que as crianças e adolescentes dessem um final a essa história. Em uma folha de cartolina colorida, eles escreveram, em grupos de três ou quatro pessoas, o final da história. A maioria colocou que Bernardo aceitou a oferta dos amigos, e ao aceitar, eles deram três possíveis desfechos: a mãe, a diretora ou a polícia descobrir. No caso da mãe descobrir, eles escreveram que ela bateria nele ou que ele se sentiria constrangido e deixaria o tráfico. Quanto a diretora, ela chamaria a polícia ou os pais dele, e também apanharia ou seria preso. Já a polícia, eles disseram na história que ele poderia ser preso ou morto.

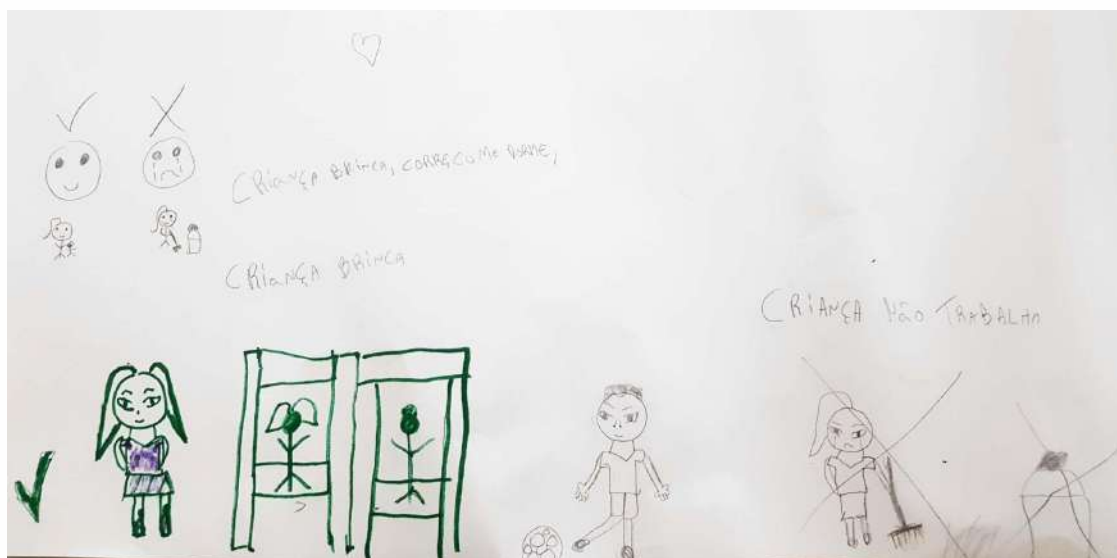
Nesta atividade, nos chamou a atenção o quanto eles optaram pela venda de drogas e o quanto eles já previam um fim triste ou trágico para Bernardo. Isso mostra o quanto a criança ou adolescente nestas circunstâncias são vistos como criminosos, e não como prioridade na proteção e garantia de seus direitos. Por mais que ao longo deste ano discutimos com eles os meios para proteção das crianças e

adolescentes, eles não conseguiram pensar em outros caminhos para que o Bernardo saísse da condição na qual estava.

Depois da atividade, promovemos um espaço de discussão para falar sobre as possíveis alternativas para ajudar Bernardo e sua família. Falamos sobre a importância do CRAS, como porta de entrada da assistência, para poder garantir a família do Bernardo os benefícios por direito, como: bolsa família, cesta básica, encaminhamentos para empregabilidade, entre outros. Falamos também sobre a Delegacia da mulher para denúncia de violência doméstica. Ressaltamos a importância do Conselho Tutelar para o acompanhamento e acolhimento de crianças em situação de negligência e violência. As UBSs também foram citadas como porta de entrada da saúde, assim como o CAPS AD para alcoolistas. Explicamos o que acontece com uma criança ou adolescente que é preso pela polícia, mencionando a Fundação Casa, as medidas socioeducativas, a responsabilidade do adolescente. As crianças demonstraram muito interesse e perguntaram muito sobre o assunto.

Terceira semana de outubro - Atividade: CARTAZ

Na terceira semana, pedimos que as crianças e adolescentes fizessem cartazes de combate ao tráfico de drogas ou ao trabalho infantil.





DIGA NÃO PARA O
TRABALHO INFANTIL

AS CRIANÇAS DEVEM
BRINCAR E NÃO TRABALHAR.

campos do trabalho infantil:

- Lerain
- Atropala os estudos
- Jogos

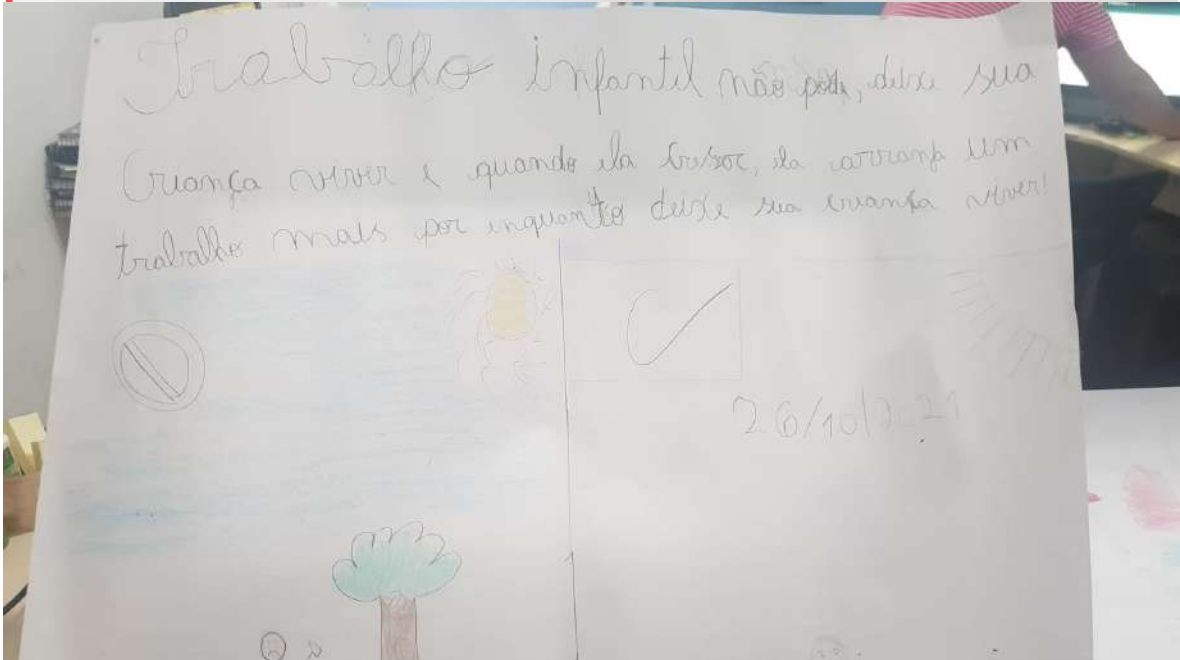
direitos:

- Estudar
- Brincar
- Não trabalhar na infância, só a partir dos 18 anos.



ASSOCIAÇÃO ACOLHIMENTO
BOM PASTOR







Esta atividade proporcionou ao grupo representar e significar suas experiências sobre o tema do trabalho infantil até aqui. Permitimos que eles fizessem essa atividade de forma espontânea e livre, para que fosse um momento lúdico e de interação.

Quarta semana de outubro - Atividade: Palavras

Breno, 10 anos, pediu à mãe para não participar mais dos grupos, porque ele estava se sentindo mal falando sobre o tema, pois ele vivenciou situações de muita negligência e violência doméstica com o pai, que é traficante de drogas. Ele e sua mãe estão em Jundiaí por estarem fugindo desse pai, que agredia constantemente a mãe. Por isso, optamos por sair um pouco do tema central, que é um tanto quanto intenso para as crianças que se sentem ameaçadas por esta realidade.

Por meio de palavras motivadoras que envolvem o jogo, foi possível de forma lúdica e ao mesmo tempo educativa, reconhecer as palavras construídas, a partir do significado que cada criança atribuía a ela.

As palavras escolhidas foram: amar, feliz, felicidade, amizade, saúde, educação, gratidão, pai, mãe, irmãos, natureza, respeito, fé, sonhos, sucesso, harmonia, vida, união, emoção; essas foram posicionadas no chão aleatoriamente,

em forma de tapete, com escolhas às cegas. Um participante escolhia uma palavra, e todos falavam sobre a importância daquela palavra no seu dia-a-dia.

Entendemos dessa maneira que os jogos são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades, raciocínio, proporcionando um contexto estimulador para suas atividades, pensamento rápido, ações bem como interagir e divertir ao lado dos seus colegas.

Grupo de Orientação Profissional para os Adolescentes

Neste mês de outubro, a estagiária de psicologia, da Universidade Paulista, preparou para o grupo de orientação profissional, um teste vocacional em grupo. Segundo a estagiária, *“Para a aplicação do teste em grupo de 20 adolescentes, fiz uma adaptação ao teste. Dividi a aplicação em três etapas. Para este encontro realizei a primeira etapa do teste. Separei as cadeiras, posicionando-as de frente com o monitor e fui passando os cartões de modo sorteados e explicando o significado de cada habilidade. Cada participante recebeu três folhas contendo: Altamente Habilidoso, habilidade média e pouco ou nada habilidoso. Assim, conforme os cartões foram sendo sorteados, eles iam direcionando na folha contendo a habilidade escolhida por eles em cada folha. O objetivo principal é desenvolver capacidade de fazer escolhas mais orientadas a seus interesses e possibilidades, fortalecer a identidade pessoal, com maior maturidade para desafios futuros, aprender a definir objetivos e elaborar um plano de ação para alcançá-los”*.

Visitas domiciliares

No mês de outubro, não foram realizadas visitas domiciliares, pois os atendimentos foram feitos presencialmente. Nós fizemos o atendimento de 05 famílias no Jardim Novo Horizonte e 03 no Jardim Santa Gertrudes. Desses, seis atendimentos foram por solicitação de cesta básica, dois foram por situações de conflitos familiares (optamos por preservar o nome dos usuários) .

No mês de outubro, aconteceu uma tragédia no bairro do Jd. Santa Gertrudes, na qual um homem assassinou o outro sob efeitos de drogas. An. entrou em contato conosco, informando que o assassino era pai de seus filhos, At. e Vl., e que eles estavam assustados, porque depois do homicídio, o pai das crianças foi até a sua casa, de madrugada, e tentou entrar à força na casa para ver os filhos. Os

vizinhos chamaram a polícia e ele foi preso. An. queria um psicólogo para atendê-los, como explicamos que a Bom Pastor não realizava atendimentos de psicoterapia, ela pediu para que fizéssemos pelo menos um acolhimento com seus filhos, porque eles estavam muito assustados. Como o primeiro contato foi telefônico, nós já iniciamos uma articulação com o Conselho Tutelar, com as universidades que possuem clínica-escola e com a UBS do bairro para buscar informações sobre para onde poderíamos encaminhá-los. O Conselho Tutelar orientou a procurar primeiro a UBS, para tentar atendimento pelo NASF. A UBS explicou que no NASF, as atividades seriam em grupo, e que para atendimento individual, eles precisam passar com o enfermeiro, para uma triagem, ser encaminhados para o pediatra, e só então o pediatra avalia se era caso de psicoterapia. As clínicas-escola estão encerrando o ano de estágios, e só receberão novos pacientes no próximo semestre.

No dia do atendimento, acolhemos primeiro a An., para ouvi-la e explicar os caminhos que havíamos encontrado para a psicoterapia. Expliquei para a mãe que não poderíamos abordar o assunto com os filhos sem que eles mencionassem o ocorrido, que poderíamos conversar com eles para saber se estava tudo bem, e explicar o que era a psicoterapia e se eles tinham interesse. Em seguida, conversamos com as crianças, e elas não falaram nada sobre o assunto e nem demonstraram não estar bem. Então, após as orientações e o acolhimento, encerramos o atendimento. Entretanto, na semana seguinte, durante uma atividade, a Vi. perguntou se já havíamos conseguido uma psicóloga para ela. Entramos em contato novamente com a mãe, e ela disse que sua psicóloga estava lhe auxiliando, e que ela iria aguardar até o ano que vem para tentar o atendimento pelas universidades.

O segundo atendimento por conflito familiar foi por solicitação da mãe, M.J, que acusou a filha, H., 13 anos, de estar andando com maconheiras e ser impossível, e que ela iria ao Conselho Tutelar, para pedir que acolhessem sua filha. Por se tratar de uma adolescente, chamamos ela para conversar e explicamos o motivo. H. contou que a mãe mente, e que a põe em situações difíceis até mesmo com o próprio pai. H. disse que ela também preferia ser acolhida, e perguntou se acionarmos o Conselho Tutelar, se ela poderia continuar frequentando a Bom Pastor, ao explicarmos que, provavelmente, não mais, devido as casas de



acolhimento ficarem distantes, ela disse que preferia morar com a mãe a ficar sem a Bom Pastor. Esta família é assistida há anos pela instituição, e a mãe tem uma dinâmica bem difícil mesmo no cuidado com os filhos. Ela foi convidada a Bom Pastor para conversar pessoalmente com outra psicóloga da instituição, e nesta conversa ficou compreendido que o desejo dela não era entregar a filha. Então, a psicóloga ficou de pensar nos caminhos para essa situação e encaminhar para os equipamentos da rede que pudessem auxiliar e continuar o acompanhamento desta família.



ASSOCIAÇÃO ACOLHIMENTO
BOM PASTOR

FOTOS





ASSOCIAÇÃO ACOLHIMENTO
BOM PASTOR







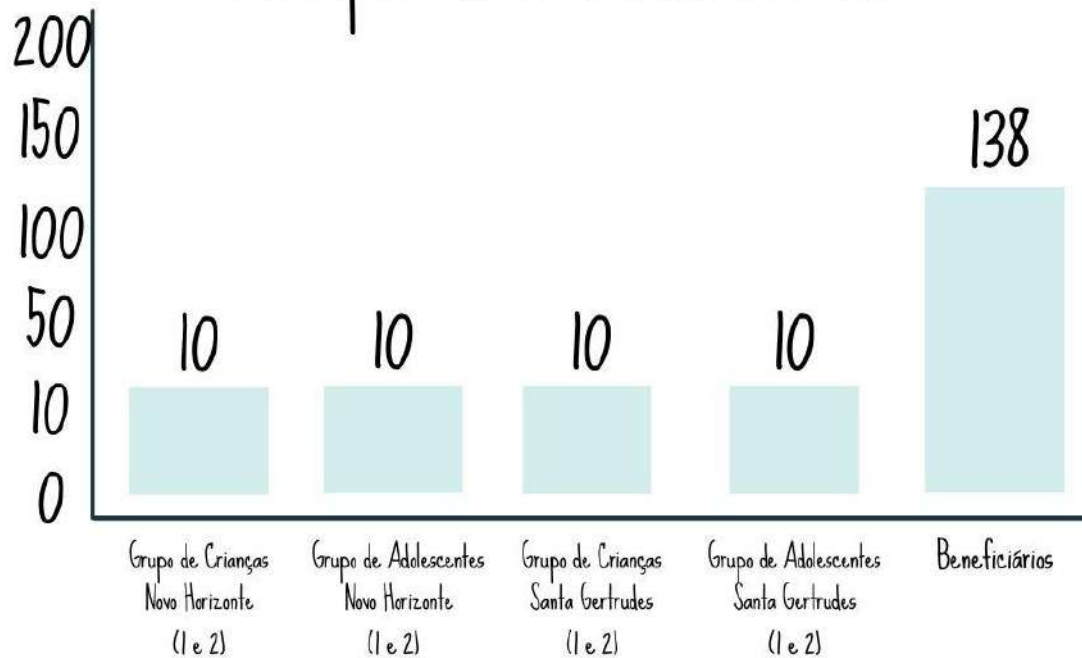
ASSOCIAÇÃO ACOLHIMENTO
BOM PASTOR

Total de Participantes no mês de OUTUBRO/2021

	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
GC1	8	Feriado	10	10
GC2	9	Feriado	10	8
GC3	8	Feriado	9	10
GC4	10	Feriado	10	8
GC5	10	10	13	11
GC6	12	11	12	13
GC7	15	15	14	15
GC8	15	14	15	13
GA1	9	Feriado	8	10
GA2	10	Feriado	9	10
GA3	7	Feriado	8	10
GA4	10	Feriado	10	9
GA5	5	6	4	6
GA6	12	15	14	15
GA7	15	15	14	15
GA8	14	15	15	15
Total:	169	101	175	178

Outubro

Multiplicadores e Beneficiários



EVENTOS

- 07/10/2021 - Reunião CMAS
- 08/10/2021 - Reunião CMDCA
- 21/10/2021 - Reunião CMAS
- 22/10/2021 - Reunião CMDCA
- 22/10/2021 - REDECA
- 28/10/2021 - Reunião de Rede do Jardim Novo Horizonte



Elisandra Daniele de Lima
Coordenadora